

## Aos leitores

Há pesquisadores da comunicação que, na contemporaneidade, parecem desejar apenas celebrar a novidade. Talvez seja até possível falar de um certo culto ao novo objeto tecnológico. Grandes e antigas questões, no entanto, permanecem e continuam exigindo que se lide com elas. O ensino é uma delas, como bem lembra o professor José Marques de Melo, ao tratar do tema central do congresso da Intercom de 2005:

*O ensino de comunicação no Brasil celebra 70 anos em 2005, se considerarmos como marco o curso pioneiro da Universidade do Distrito Federal (1935). Desde então, o conteúdo do ensino ministrado tem sido proveniente do conhecimento forâneo, assimilado através da literatura importada. No entanto, há mais de três décadas o nosso país vem pesquisando os fenômenos nacionais de comunicação. Esse conhecimento autóctone, gerado principalmente nos cursos de pós-graduação, nem sempre tem sido transferido para as novas gerações que estudam comunicação em nossas universidades; quando isso ocorre, faz-se de modo tardio e descontextualizado. Para superar esses impasses torna-se urgente integrar ensino e pesquisa, graduação e pós-graduação, nos projetos pedagógicos das nossas faculdades de comunicação. E, desta maneira, ultrapassar o reboquismo brasileiro em relação ao conhecimento comunicacional vigente nos países hegemônicos, logrando sintonizar os conteúdos do nosso ensino com a riqueza do conhecimento inovador e renovador estocado nas pesquisas produzidas em território nacional.*

É disso que se trata aqui, quando, por exemplo, é dada a palavra ao professor Eduardo Meditsch, na entrevista desta edição, para que ele lucidamente aborde a função dos estudos em jornalismo na formação dos profissionais da imprensa. Esse campo tão importante numa sociedade como a brasileira, faminta também de informação, no confronto cotidiano com a desigualdade e a exclusão.

Contudo, sempre há espaço para a reflexão sobre os novos fenômenos comunicacionais, sobretudo quando é possível ir além do mero diagnóstico e exercitar o senso crítico. Nesse sentido, uma das

primeiras lembranças é o artigo de Suzana Kilpp que abre esta edição da RBCC: "O confessionário *reality* de *Big Brother Brasil*".

A novidade tecnológica que marca a contemporaneidade está, portanto, bem representada aqui. Seja no artigo de André Sathler Guimarães, com suas "reflexões sobre tecnofilia e a impossibilidade da satisfação plena", ou na resenha que Angélica Coutinho constrói a partir da dissertação de Pedro Segreto Moura, investindo na discussão do cinema possível no Brasil, aquele em que a nova tecnologia democratiza a produção e a distribuição.

O espírito do contemporâneo surge ainda no pensamento crítico do jornalista Eugênio Bucci e da psicanalista Maria Rita Kehl, expresso em *Videologias*, livro resenhado nesta edição por Rafael José dos Santos.

Fala-se desse ou daquele texto, mas a vontade é de destacar todas as contribuições. Que os leitores se encarreguem disso!

Carlos Alexandre de Carvalho Moreno  
*Editor*